

DOI: 10.21057/10.21057/repamv%vn%i.%Y.26080

Recebido: 10-06-2017

Aprovado: 14-11-2017

O Conceito de Território para o Povo Ye'kuana que Habita a Região de Auaris – Terra Indígena Yanomami - Roraima

Castro Costa da Silva¹
Maria Bárbara de Magalhães Bethonico²

Resumo

Este artigo tem como finalidade discutir o conceito de território para os Ye'kuana, povo que habita a Terra Indígena Yanomami, no extremo nordeste de Roraima. Os povos indígenas têm seu domínio territorial desde os tempos remotos e imemoriais, significando os locais onde seus ancestrais habitaram. A partir de levantamento junto ao povo, do conhecimento do próprio autor e em literatura sobre o conceito de território na ciência geográfica, buscou-se abordar a concepção de território para os Ye'kuana. Concluiu-se que neste território encontram-se as referências materiais e imateriais e existem os lugares onde seus ancestrais surgiram e construíram as primeiras moradias do povo. O território para ciência geográfica é, muitas vezes, limitado e refere-se a uma área específica onde um determinado grupo tem o controle que é conquistado ou concedido. Mas, para os Ye'kuana o território não é conquistado. Ele é dado pelo criador do mundo. Quando menciona-se o wätunnä, todos os habitantes da terra tem o território para viver como seus ancestrais. Nesta concepção, os habitantes da Terra viveriam em paz, sempre respeitando o território do outro. Os resultados incorporam novos elementos ao conceito de território, contribuindo para a compreensão das relações que se estabelecem no seio desse povo.

Palavras-chave: Território; Povos indígenas; Ye'kuana; Brasil

The Concept of Territory for Yekuana People that Dwells in Auaris' region- Yanomami Indigenous Land- Roraima

Abstract

This article aims to discuss the concept of territory for Yekuana people, that dwells in the Yanomami indigenous land, located in the northwest of Roraima. The indigenous peoples have had their territorial domain since ancient and immemorial times, meaning the places where their ancestors lived. From the initial investigation with people, the knowledge of its author and literature on the concept of territory in geographic science, It aimed to highlight the

concept of territory for the Ye'kuana. It concludes that at its territory has the material and immaterial references and there are places where their ancestors arose and built the first dwellings of these peoples. The territory for the geographic science is mostly limited and It refers to a specific area where a particular group has its control which is won or granted. Thus, for the Ye'kuana the territory is not conquered. It is given by the mighty creator of the world. When the wätunnä is mentioned, all inhabitants of the land have the territory to live as their ancestors. Within such concept, the inhabitants of this earth could live peacefully, always respecting the territory of one another. The results incorporate new elements into the concept of territory, contributing to the understanding of their relationships that are established within the people.

Keyword: land; People beneath him; Ye-kuana'; Brazil

El Concepto de Territorio para el Pueblo Ye'kuana que Habita la Región de Auaris - Tierra Indígena Yanomami - Roraima

Resumen

Este artículo tiene como finalidad discutir el concepto de territorio para los Ye'kuana, pueblo que habita la Tierra Indígena Yanomami, en el extremo noreste de Roraima. Los pueblos indígenas tienen su dominio territorial desde los tiempos remotos e inmemoriales, significando los lugares donde sus antepasados habitaron. A partir del levantamiento junto al pueblo, del conocimiento del propio autor y en literatura sobre el concepto de territorio en la ciencia geográfica, se buscó abordar la concepción de territorio para los Ye'kuana. Se concluyó que en este territorio se encuentran las referencias materiales e inmateriales y existen los lugares donde sus antepasados surgieron y construyeron las primeras viviendas del pueblo. El territorio para la ciencia geográfica es a menudo limitado y se refiere a un área específica donde un determinado grupo tiene el control que es conquistado o concedido. Pero para los Ye'kuana el territorio no es conquistado. Él es dado por el creador del mundo. Cuando se menciona el wätunnä, todos los habitantes de la tierra tienen el territorio para vivir como sus antepasados. En esta concepción, los habitantes de la Tierra vivirían en paz, siempre respetando el territorio del otro. Los resultados incorporan nuevos elementos al concepto de territorio, contribuyendo a la comprensión de las relaciones que se establecen en el seno de ese pueblo.

Palabras clave: tierra; Personas debajo de él; Ye-kuana'; Brasil

Introdução

Os povos indígenas passaram por vários processos desde a época da colonização europeia, seja por portugueses, espanhóis, ingleses, holandeses ou por outras nações. Muitos desses

1 Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Roraima. E-mail: castroyekuana@gmail.com

2 Professora do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Roraima. E-mail: maria.bethonico@ufr.br

povos foram extintos, suas terras foram tomadas pelos novos ocupantes do continente americano. Diante desse cenário, alguns povos indígenas resistiram até hoje. Atualmente são protagonistas na defesa do seu território e de seu povo. Lutaram para serem reconhecidos pelo Estado brasileiro, onde foram definidos seus direitos na Constituição Federal de 1988. Nos últimos anos esses direitos são ameaçados constantemente pelos poderes legislativo e/ou executivo. Alguns povos indígenas conseguiram demarcar seus territórios com muita luta e resistência, porém, outros povos não conseguem reconhecimento de suas terras e ficam, cada vez mais, vulneráveis e ameaçados de desaparecerem.

Esse artigo trata da questão indígena, estes povos que sofrem com a invasão do seu território pelos não indígenas, principalmente pelos garimpeiros nas décadas de 1980 e 1990 e, também, pela abertura de estrada Perimetral Norte/BR210. Estamos falando dos Yanomami e Ye'kuana que, na época, foram chamados de povos primitivos em plena era da modernidade. Essas invasões levaram a várias mortes da população nativa, com doenças levadas pelos invasores.

Diante deste cenário, era necessária a demarcação da terra, para proteger os povos indígenas Yanomami e Ye'kuana, que ocupam o mesmo território. Com muita luta e apoiado pela sociedade organizada, os Yanomami finalmente recebem a notícia da homologação em 1992 pelo então Presidente da República Fernando Collor de Melo, denominando a área como Terra Indígena Yanomami.

Após o contato com a sociedade nacional, esses povos sofreram mudanças culturais impostas pelo Estado Nacional. Destacamos, aqui, a forma de ocupação do seu território, a sedentarização de algumas comunidades indígenas e a chegada de políticas públicas nas aldeias. A efetivação da terra indígena elege um limite que passa a ser reconhecido pelo Estado brasileiro, porém este limite nem sempre corresponde ao território de um povo e nem remete à sua história ou à sua concepção de território. O objetivo deste artigo é, neste contexto, discutir como os Ye'kuana definem e dominam seu território, verificando os elementos que o compõe na concepção Ye'kuana.

Para atingir o objetivo foram realizados levantamentos bibliográficos tanto na área da Antropologia quanto da Geografia, buscando construir o conceito de território para a ciência e como os Ye'kuana são percebidos na literatura científica. Foram realizados, também, levantamento de dados secundários, como a população e elementos do território que possibilitaram a elaboração de alguns mapas. De forma complementar, foram realizados diálogos com moradores da comunidade Fuduwaadunha, do povo Ye'kuana, localizada na Região de Auari (Terra Indígena Yanomami), onde o autor tem sua origem. Por ser o autor um indígena da etnia Ye'kuana, os conhecimentos que possui sobre o seu povo serviu de suporte para as discussões. Este artigo é um fragmento de uma pesquisa de mestrado, realizada no Programa de Pós-graduação em Geografia/PPG-GEO da Universidade Federal de Roraima e com o apoio

da CAPES pelo financiamento do Observatório da Educação Indígena/OBEDUC (UFMG/UFRR/UNIRIO), onde o autor foi bolsista.

Algumas Considerações sobre o Conceito de Território

O conceito de território vem sendo usado em amplas discussões nas décadas recentes, não só pela Geografia, mas, também, pelas outras ciências como política, antropologia, biologia e as ciências sociais. A seguir veremos como alguns autores discutem este conceito na visão geográfica.

Ao apresentar o pensamento de Ratzel, Moraes (1990) destaca que este geógrafo define o território como uma determinada porção da superfície terrestre apropriada por um grupo humano e, dessa forma, o território é posto como um espaço que alguém possui e lhe atribui identidade. Em um espaço vital para os homens se manifesta a necessidade territorial de uma sociedade, tendo em vista seu equipamento tecnológico, seu efetivo demográfico e seus recursos naturais disponíveis. Seria, assim, uma relação de equilíbrio entre a população e os recursos, mediada pela capacidade técnica. Por outro lado, argumenta que, para a existência do Estado, o território é essencial, uma vez que “não é possível conceber um Estado sem território e sem fronteiras” situação que gerou o desenvolvimento da Geografia Política; também não se pode considerar uma sociedade sem território e

Não é fácil demonstrar a existência de uma lei que regule o incremento progressivo do território com o crescimento da família ou da sociedade, como é possível no que se refere ao Estado. Mas em compensação a sociedade está enraizada com muito mais profundidade em seu território e o modifica com menos facilidade (MORAES, 1990, p. 73).

As concepções de Ratzel sobre território refletem o momento histórico em que foram concebidas, no final do século XIX, e contribuíram para o processo de sistematização da Geografia moderna, sendo que Moraes (1990) destaca que a grande contribuição foi a relação entre a sociedade e as condições ambientais, ampliando-se para discussões nos campos da política e da antropologia.

Enfocando na questão política e na ação dos homens sobre o espaço, Raffestin (1993) diz que o território se forma a partir do espaço e é o resultado de uma ação do homem em qualquer nível. Ao se apropriar de um meio, concreto ou abstrato/simbolicamente, o ator “territorializa” o espaço. A partir do momento em que o homem está inserido no meio, começa a modificar o espaço geográfico construindo limites como o território nacional, as redes, circuitos e fluxos. Para muitos autores o território está relacionado ao Estado-Nação, poder, delimitado ou com as fronteiras. O território, nesta concepção, privilegia a dimensão política do espaço construído pela sociedade. É possível, também, que os territórios formem um sistema territorial e,

A partir de uma representação, os atores vão proceder à repartição das superfícies, à implantação de nós e à construção de redes. É o que se poderia chamar de 'essencial visível' das práticas espaciais, ainda que malhas, nós e redes não sejam sempre diretamente observáveis, pois podem pura e simplesmente estar ligados a decisões [...] é interessante

destacar a esse respeito que nenhuma sociedade, por mais elementar que seja, escapa à necessidade de organizar o campo operatório de sua ação (RAFFESTIN, 1993, p. 150).

Souza (2013) define como território um espaço delimitado por e a partir de relações de poder, ou seja, um campo de forças. Assim, o território está ligado ao poder e, para Haesbaert (2007) não é diferente, uma vez que se define, antes de tudo, com referência às relações sociais ou culturais e, também, com as relações de poder. Estas relações de poder podem estar, tanto na esfera material das relações econômicas e políticas, quanto na esfera simbólica.

Haesbaert (2007, p. 51), ao resgatar o pensamento de Bonnemaison e Cambrèzy, destaca que

A ligação dos povos tradicionais ao espaço de vida era mais intensa porque, além de um território fonte de recursos, o espaço era ocupado de forma ainda mais intensa através da apropriação simbólica e religiosa.

Relacionando esse pensamento com a realidade dos povos indígenas, o espaço habitado por eles é percebido como fonte de vida, onde retiram o sustento da família; neste espaço também existem os lugares importantes deixados por seus ancestrais que podem se apropriar ou não, dependendo da situação específica de cada povo. O autor concorda com Raffestin no que se refere à dimensão política do território e,

Não se trata, evidentemente, de distinguir de maneira clara ou mesmo rígida espaço de território. Embora não equivalentes, como se referiu Raffestin, espaço e território nunca poderão ser separados, já que sem espaço não há território – o espaço não como outro tipo de “recorte” ou “objeto empírico” (tal como a noção de “matéria prima preexistente” ainda não apropriada) mas, em caráter também

epistemológico, como outro nível de reflexão ou “outro olhar”, mais amplo, cuja problemática específica se confunde com uma das dimensões fundamentais da sociedade, a dimensão espacial. Ao território caberia, dentro dessa dimensão, a focalização na espacialidade das relações de poder (HAESBAERT, 2010, p. 166).

Segundo Benedetti (2009), o termo território tem sido utilizado pelas instâncias governamentais e, nesse sentido, se transformou em uma ferramenta heurística, um instrumento científico para analisar a realidade. Dentre as ciências, a Geografia tem feito um esforço para propor novas definições e dar conta da complexidade que o termo pode trazer. Inicialmente o termo estava associado aos Estados Nacionais (fins do século XIX), em uma concepção tradicional de geopolítica e o território relacionava-se com o exercício da soberania de determinado Estado. Posteriormente, o termo ganha significado em sua dimensão material, elaborações culturais e simbólicas associadas a uma determinada área. Para o autor, essa dimensão do território é, muitas vezes, confundida com a terra ou área concreta de um determinado produtor do espaço. Mas é certo que nas definições de território, sempre temos algum dos elementos: i) um agente, como o Estado, indivíduo, grupo social, comunidade ou empresa que possua alguma estratégia de controlar os recursos, as pessoas e as relações; ii) uma ação, que pode ser a de localizar, demarcar, apropriar ou controlar o que existe em um espaço; iii) uma determinada parte da superfície terrestre que está delimitada, independente da precisão dessa demarcação, mas que é possível identificar esse território e sua dimensão material. O autor destaca, também, que

Un cambio importante en estas perspectivas es que el territorio no es un soporte material, un objeto sobre el que se desarrollan los procesos: el territorio mismo es un proceso, que atraviesa y es atravesado por otros procesos. Es la sociedad, a través de sus relaciones, la que construye no “el” sino “los” territorios. Cotidianamente lidiamos con infinidad de territorialidades, superpuestas y de diferentes escalas [...] otro elemento fundamental en las nuevas definiciones del territorio: la temporalidad. Los territorios son entidades geohistóricas, que está constituyéndose permanentemente a

través de las prácticas materiales y culturales de la sociedad. Un territorio es el espacio localizado, delimitado, apropiado y controlado, todo esto, em um tiempo determinado (BENEDETTI, 2009, p. 7-8).

Considerando as relações sociais e de poder, a cultura e a identidade, a territorialidade traz a nova significação para o território, uma vez que, independente do poder dominante ser de um agente estatal, de indivíduos, de organizações ou empresas, no território é possível perceber a capacidade diferencial de cada agente e ator, sua capacidade real e potencial de criar, recriar e apropriar-se do território (DILLON, 2013). Haesbaert e Limonad (2007) discutem, também, as mudanças que ocorrem no significado do termo território. Deve-se analisar as diversas formas como um território é apropriado hoje em relação com as práticas sociais anteriores de grupos sociais voltadas para a apropriação e manutenção do domínio, seja ele afetivo, político, econômico ou cultural.

Santos e Silveira (2003, p. 19) destacam que o termo território pode ser interpretado como uma “extensão apropriada e usada” e, em um sentido mais restrito, como o “nome político para o espaço de um país”, uma vez que não falamos de um Estado sem território. Para os autores, o território é uma questão central da história humana quando visto como unidade e diversidade e, no caso de países, torna-se o pano de fundo para estudos das diversas etapas históricas.

Haesbaert e Limonad (2007) apontam que o território tem relação próxima com a cultura e a natureza, sendo indissociáveis. Para os autores, as concepções de natureza e a cultura/sociedade devem estar sempre presentes nas definições de

espaço geográfico e território, devendo-se levar em conta a dimensão material e natural do espaço, mas com o cuidado de não ocorrer uma sobrevalorização. Existe, assim, sempre uma base material para a formação dos territórios, sendo esta base, muitas vezes, o que vai definir o território, como é o caso para grupos indígenas.

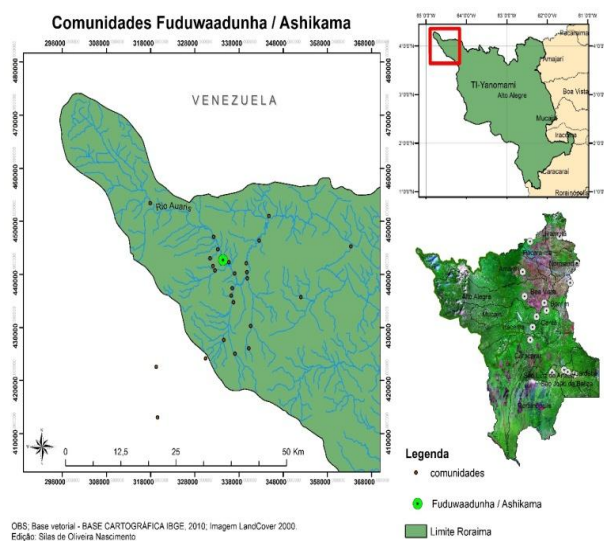
Aproximando o conceito de território com a realidade indígena, Ladeira (2008) realizou estudos com os povos Guarani-Mbya e, para ela, o significado do território para um indígena é completamente diferente do território da modernidade ou ocidente. Assim, a noção do território para o Guarani está associada à percepção de mundo e vinculado a um espaço geográfico onde desenvolvem relações em um determinado modo de vida. As questões do território incluem a perspectiva da manutenção de um mundo ou que esteja nele contida. Para muitos povos indígenas o espaço habitado não foi conquistado e, sim, dado por seus deuses; cada lugar tem suas especificidades, cada rio, serras, lagos, etc. Para eles existem seus donos invisíveis, por isso estes povos respeitam cada pedaço (ou espaço) da terra. Os pajés conversavam e pediam autorização para que os grupos pudessem habitar naquele lugar. Na visão dos indígenas sobre seu espaço, os seres humanos vivem junto com os seres invisíveis e donos de cada lugar.

Os Ye'kuana no Brasil

O povo Ye'kuana habita a região fronteiriça entre o Brasil e a Venezuela. No Brasil

concentram-se na região de Auaris, que está localizada a noroeste do estado de Roraima, no município de Amajari, na zona de fronteira do Brasil com a Venezuela e está inserida na Terra Indígena Yanomami, a uma distância de 450 quilômetros da capital Boa Vista em linha reta. A referência na região é a existência de uma pista de pouso que tem como coordenadas geográficas N 03°00'.106" W 064°29'.364", e altitude 767 metros (Figura 1). Auarís está na bacia hidrográfica do rio com o mesmo nome e possui 36 comunidades indígenas, com uma população de 3.117, segundo dados da Secretaria Especial de Saúde Indígena/SESAI de 2015.

Figura 1: Mapa de localização de pesquisa



Fonte: Castro Costa (2017)

O povo Ye'kuana pertence à família linguística Caribe; este povo está situado em sua grande maioria, ao sul da Venezuela entre os estados do Amazonas e o estado de Bolívar; no Brasil estão localizados no extremo noroeste de estado de Roraima, nos municípios de Amajari e do Alto Alegre, mas sempre no interior da Terra

indígena Yanomami. Os Ye'kuana têm outras denominações dadas pelos seus vizinhos. Silva (2014, p. 19) ressalta que:

O povo Ye'kuana (significa YE de “árvore”, KU de “água”, ANA de “gente” traduzindo gente de pau da água e gente da canoa) teve sua primeira denominação pelos não índios, Ye'kuana, em 1912 por Theodor Koch Grümberg. São, também, conhecidos como Maiongong (esse nome foi dado pelos Pemom, significando cabeças redondas, indicando o tipo de corte do cabelo) e Maquiritare (nome dado pelos Arawak, MAKIDI e ARI significa o povo de rio e da água).

Diferenciam-se, também, de acordo com sua localização. Aqueles que vivem ou habitam as cabeceiras dos rios chamam-se Yujuduana e os que vivem nos rios a baixo são denominados como aneinhankomo. Além desses, existe outro tipo de classificação de acordo com a localização geográfica ou determinada bacia hidrográfica: aqueles que vivem no rio Medewadi (rio Caura) são denominados de Medewaadinhankomo, do rio Yawadejudi (Auaris) são os Yawaadejunhankomo, do rio Entawaade (rio Ventuari) chamam-se Entawaadeinhankomo, do rio Kuntanaama (rio Cuntinamo) denominam-se Kuntanaamainhankomo, do rio Kunu (rio Cunucunuma) são os Kununhankomo e do rio Fayaamu (rio Padamo) são os Fayaamunhankomo.

No Brasil, atualmente, temos três comunidades sendo duas na margem do rio Auarís (comunidades Fuduwaadunha e Kudatanha) e outra na margem direita do rio Uraricoera. A comunidade Pedra Branca está localizada próxima à cabeceira do rio Auarís, mas ela está se desfazendo, pois os moradores estão

mudando para Fuduwaadunha. Provavelmente não vai mais existir em pouco tempo.

O povo Ye'kuana está, em sua maioria, no território da Venezuela. De acordo com (CÁCERES 2011 apud COSTA, 2013, p.17), “o último recenseamento na Venezuela indicou 6.500 pessoas que vive entre o estado Amazonas e o estado Bolívar”. Na região de Auaris (Polo-base de Auaris) as informações coletadas na Secretaria Especial de Saúde Indígena/SESAI em 2016 indicam uma população total de 3.232 moradores, divididos entre os povos Ye'kuana e Yanomami e 49 comunidades.

Aspectos Culturais do Povo Ye'kuana

O povo Ye'kuana, como a maioria dos povos da Amazônia, tem os conhecimentos transmitidos oralmente, quando as crianças aprendem com seus pais participando das atividades do dia a dia do seu povo. Os meninos aprendem com o pai e as meninas com a sua mãe.

Na sociedade Ye'kuana existe a divisão de trabalho entre os sexos. Os homens têm atribuições como: trazer a carne de caça para casa, pescar, fazer roça, limpar os caminhos da roça, construir a casa de sua família, fazer tönköi yedö (estrutura de onde o tipiti é colocado para espremer a massa de mandioca), fazer tipiti, fazer faja (balaio - objeto para colocar beiju) construir canoa e zelar pelo bem-estar da sua família e, também, tem responsabilidade com o bem-estar da comunidade e do seu povo, ou seja, participar da política em sua comunidade. O papel da mulher dentro da sociedade Ye'kuana tem muita

importância; é ela quem cuida da casa, dos filhos, cuida da roça, prepara alimentação do dia a dia, busca água, vai buscar Yajantadö (lenha para assar beiju), tem a tarefa de ralar a mandioca, fazer wöwa (cesta para carregar mandioca), fazer os ralos usados para ralar mandioca e cozinhar. Segundo Silva Monterrey (2015, p. 280) “as mulheres não intervêm abertamente em política, no qual parece ser uma tradição, pois a análise da memória genealógica sobre os cargos políticos nos mostra que estes não eram ocupados por mulheres”.

Até hoje mantêm essas divisões de tarefas entre os sexos. O mais interessante do povo é a coletividade. Quando constroem uma casa todo mundo ajuda, tanto os homens, quanto as mulheres. As mulheres trazem o chibé ou Yadaki (bebida a base de mandioca, semelhante ao caxiri), assim, os homens não precisam ir comer na sua casa e passam o dia inteiro no trabalho.

A coletividade é muito importante na vida dos Ye'kuana, a união entre os membros da comunidade é essencial para realizarem suas atividades, porque a união faz a força para vencerem os obstáculos da vida na comunidade indígena.

Os Ye'kuana são excelentes construtores de canoa, que na linguagem Ye'kuana é “kudiyada” e foi através deste objeto construído que conseguiam chegar além do seu território tradicional. Arvello-Jimenez (1974), relata que Aramari foi um navegante incansável e comerciante muito ativo e que fez as viagens ao Brasil que duravam de 1 a 3 anos. As rotas de suas viagens eram através do canal de Casiquiare,

rio Negro, Manaus, rio Branco, rio Uraricoera, rio Auaris e voltava para a Venezuela pelo rio Padamo, depois o rio Orinoco e, finalmente, o rio Cunucunuma. Estes povos tinham muita habilidade para construir canoas e os grandes obstáculos não eram limites, como as cachoeiras; atravessavam estas cachoeiras e faziam outra canoa (no retorno as canoas deixadas eram reaproveitadas) e, também, atravessavam para outros rios lá faziam outro barco e, assim, seguiam suas viagens. As viagens pelo rio exigiam muitos esforços físicos porque viajavam com o remo. Provavelmente estas viagens teriam iniciados nos séculos XVIII ou XIX. Ocorriam para conseguir material industrializado. Atualmente os Ye'kuana não fazem mais este tipo de viagem através do canal Casiquiare, rio Negro, rio Branco e rio Uraricoera. Mas, por exemplo, para os moradores de comunidade Fuduwaadunha (comunidade Ye'kuana localizada na região de Auaris), as viagens acontecem para Boa Vista por via aérea, diferente dos tempos atrás, que desciam de barco até a capital de estado de Roraima.

Os Ye'kuana são excelentes agricultores e cultivam várias variedades de maniva, vários tipos de banana, batata, abacaxi, milho, raízes como inhame (tu'da, madiicha e madaawi), cará, batata-doce, abóbora, suka, cana-de-açúcar, tabaco e as frutas como a pupunha. A dieta alimentar tem sua base nos derivados da mandioca, como beiju, farinha de mandioca, chibé, yadaki (bebida tradicional dos indígenas). Além disso, cultivam as pimentas e produzem seus derivados como a jiquitaia, kāsakidi, waduuwe. Esses são os produtos encontrados nas

roças dos Ye'kuana. Em cada família a mãe e suas filhas casadas são responsáveis por cuidar da roça.

Para o povo Ye'kuana, muitos lugares são considerados sagrados, principalmente, Dodoimä jödö (Monte Roraima) e Madawaka'jödö (Serra Marauaca), pois possuem uma forte relação com os alimentos. Para o senhor David, atual liderança da comunidade Fuduwaadunha, que nós consideramos um dos sábios, as “primeiras roças foram feitas por Fudumanhadi; ele fez Wanoodi localizado no Alto Orinoco e Wanaatu fez Faduwaka na região de Ventuari”. Assim, estas foram as primeiras roças e, a partir delas, hoje os Ye'kuana fazem suas roças. Ramos (1980, p.26), ao falar dos Maiongong ou Ye'kuana, assinala que

Em geral, as roças Maiongong são maiores e mais sortidas que as Sanumã. Esse fato parece dever-se a uma tradição mais longa que têm os Maiongong no desempenho de atividade agrícolas.

Outro pesquisador que também presenciou a forma como se produz a roça foi Koch-Grünberg (1979, p.278) que destaca “el suelo es muy fértil, según se pude comprobar con las extensas plantaciones exuberantes em donde creen gigantescas raices de yuca outras frutas”. Para os Ye'kuana a alma da maniva já faz parte de sua alma, por isso eles cuidam bem de suas roças, não deixam o mato tomar conta dos roçados. A dona da roça, considerada como a mãe da roça, vê uma plantação nova de mandioca como uma criança e, por isso, deve ser bem cuidada. Como foi contada pelo wätunna, os Ye'kuana são agricultores milenares e têm larga história, tem rituais para isso e as restrições para

suas roças.

A forma de complementar a alimentação cultivada é através dos animais de caça e, entre as mais consumidas pelos Ye'kuana, estão os veados, as pacas, as queixadas, antas e alguns pássaros como mutum, tucano, arara, inambu e jacamim. Na época da chuva consome-se em Auarís o kudu (minhocachu), algumas lagartas comestíveis e as formigas como sedi e ködhakwä. Mas, atualmente, a região sofre com a escassez de animais devido ao aumento demográfico e também pelo uso de arma de fogo pelos moradores durante as caçadas.

Wätunnä - através deste homem os Ye'kuana constroem seu mundo, conforme Andrade (2009, p.16),

De onde vêm os nomes pessoais ye'kuana? Wätunnä. Onde se aprende a construir a casa ou ättä, réplica do mundo celeste? Wätunnä. Onde se aprende a preparar o alimento de maneira adequada? Wätunnä. Onde se aprende como deve se comportar um verdadeiro ye'kuana? Wätunnä. Onde se aprende como e quando devem ser realizadas as festividades? Wätunnä. Todo conhecimento Ye'kuana está ligado ao wätunnä. O comércio que os Ye'kuana faziam era porque conheciam através de Wätunnä a localização geográfica. A criação do mundo é contada através de wätunnä. Rezas de alimentos são feitos de wätunnä.

Atualmente na comunidade Fuduwaadunha ou em outras comunidades Ye'kuana há poucos sábios de wätunnä. A sociedade Ye'kuana precisa refletir ou discutir sobre o papel das escolas indígenas ou da própria comunidade no revitalizar os conhecimentos de wätunnä. Para Silva Monterrey (2015) “reforçar a ‘ye’kwanidade’ é nutrir os valores do povo”

Nos últimos anos em Auaris,

particularmente na comunidade Fuduwaadunha, ocorreram grandes mudanças sociais e econômicas no pós-contato com o homem branco. A introdução de políticas públicas na comunidade, como escola, posto de saúde e os benefícios sociais do governo, mudou o cotidiano das pessoas da comunidade. Hoje não realizam mais caçadas coletivas, a manawaka (caçada). O “grande chefe” dessa mudança se chama escola. A escola mexeu com o calendário do povo. A comunidade precisou se adequar ao calendário escolar. As crianças e os jovens estão na escola, enquanto os pais ficam sozinhos para fazer atividades do dia a dia da família.

Outro ponto a destacar é a inserção no mercado de trabalho renumerado do povo Ye'kuana. Isso afetou muito as realizações de atividades tradicionais do grupo, porque o empregado deve cumprir suas obrigações junto ao contratante. Mesmo assim, as pessoas não deixavam de participar quando há atividades comunitárias ou grandes celebrações e cerimônias culturais.

Com o aumento do poder aquisitivo as pessoas procuram comprar na cidade itens para suprir as necessidades de proteína. Hoje em dia observa-se a entrada de alimentos industrializados, frango congelado, ovos e os pães, porém, isso não quer dizer que os Ye'kuana sobrevivem somente com isso. Na verdade, a comunidade cultiva mais 99% sua subsistência. Mas a tendência é aumentar a entrada de produtos oriundos de fora da comunidade. Segundo um levantamento realizado pelo Instituto Socioambiental/ISA (VIEIRA, 2016), a região de

Auarís tem uma entrada de dinheiro só para comunidade Fuduwaadunha, estimada em aproximadamente de R\$ 57.880,00 reais mensais e, anualmente (2016) o montante gira em torno de R\$ 694.560,00 reais. Esses recursos têm como fonte os salários dos professores, dos trabalhadores de saúde e dos aposentados. Cabe destacar que toda a alimentação produzida pela comunidade não é vendida, mas é usada na subsistência das famílias.

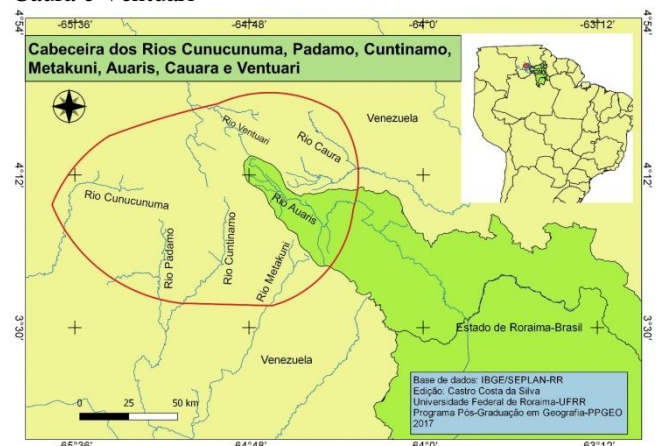
Território Ye'kuana

Os povos indígenas têm seu domínio territorial, desde os tempos remotos e imemoriais e onde seus ancestrais habitaram. Neste território encontra-se as referências materiais e imateriais dos povos indígenas como os lugares sagrados, as serras, os rios, as pedras e assentamentos de seus ancestrais. Esta concepção de território não se harmoniza com os limites territoriais impostos pelos Estados Nacionais. Assim, para os povos indígenas, especificamente os Ye'kuana, existem os lugares onde seus ancestrais surgiram e as primeiras moradias do seu povo, configurando o território. Servem de referência, também, os locais onde surgiram outros povos indígenas, seus vizinhos.

Como mencionado acima, a pesquisa está voltada para o povo Ye'kuana e seu território. O povo indígena Ye'kuana é falante de uma língua da família Caribe e são, também, conhecidos como Maiongong e Makiritare. Mas eles autodenominam Ye'kuana. Desde tempos imemoriais do povo, ocuparam-se nas regiões das

cabeceiras dos rios Cunucunuma, Padamo, Cuntinamo, Metakuni e Auarís, que chama-se Yujuudunha na língua Ye'kuana, significando as cabeceiras dos rios ou nascentes dos rios (Figura 2).

Figura 2: Mapa de localização das cabeceiras dos rios Cunucunuma, Padamo, Cuntinamo, Metakuni, Auarís, Caura e Ventuari



Fonte: Castro Costa (2017)

No decorrer dos séculos os Ye'kuana ampliaram seu domínio territorial, estendendo-se ao longo dos rios Caura, Paragua e Orinoco na Venezuela, e Uraricoera no Brasil. A formação do território Ye'kuana remonta a formação do planeta Terra.

A história dos Ye'kuana é formada por vários momentos, mas o relato será iniciado com wätunnä. O wätunnä revela o surgimento do mundo, dos seres vivos, não vivos e também, os seres visíveis e invisíveis. Além disso, através de wätunnä os Ye'kuana sabem onde está seu território tradicional e até onde eles podem viver, além de identificarem os lugares que são bons para habitação e, ao contrário, a existência dos locais proibidos para a construção das casas das famílias. Para Andrade:

Wätunnä é apenas um conjunto de leis, um código ideológico, pois, embora traga em seu bojo leis e códigos morais, também narra

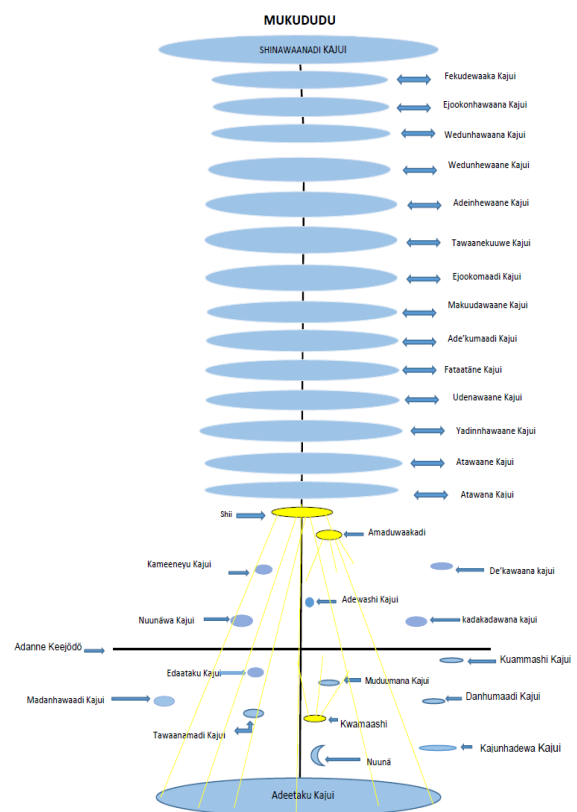
eventos. (...) que *Wätunnä* representa para os Ye'kuana aproximadamente o que representa a Bíblia para os cristãos, mas essa comparação torna-se frágil quando atentamos para o fato de que embora *wätunnä* seja um código moral, religioso, narrando acontecimentos e eventos que constroem o *códex* simbólico-cultural para os Ye'kuana, assim como a Bíblia para os cristãos, ele supera-a em unicidade, pois é a única fonte de sabedoria verdadeira e contém *toda e qualquer* verdade que se pode aprender ou atingir (ANDRADE, 2007 p. 20).

Os conhecimentos dos Ye'kuana são adquiridos através de transmissão oral, ou seja, a pessoa que quer aprender vai em busca da pessoa do sábio, porque este conhecimento é privado, muitas vezes pago com objetos, depende da negociação do interessado com o sábio. Os sábios ensinam *achudi* (cantos para purificar alimentos e carnes de caça quando ingeridos pela primeira vez) e *ädeemi* (cantos para inauguração da casa nova e cantos das festas de derrubada das roças). O conhecedor (a) de *Achudi* é muito importante na sociedade Ye'kuana, este conhecimento faz a desintoxicação de alimentos, quando a pessoa consome pela primeira vez na vida, os rituais de nascimentos de crianças e os rituais das meninas na passagem para vida adulta, além de diversas finalidades, como o conhecer de *ädeemi* faz as cerimônias como: *äudaajä edeemi'jödö* ou *toki* (festa de derrubada da roça), *mma edeemi'jödö* (festa de casa nova) e *ma'ji edeemi'jödö* ou *wasai adö* (festa de caçada). Este são fundamentais para viver na face da terra pela sociedade Ye'kuana.

No *wätunnä* fala que os antecessores dos seres humanos vieram do outro planeta ou celeste. Na cosmologia Ye'kuana existem quinze planetas. Então as primeiras vidas aconteceram

em outros planetas. Ao criador do mundo os Ye'kuana chamam de *Seduume* ou *Wanadi*, sendo que “*Wanadi* é a figura celeste e benevolente que desce para instaurar a ordem na Terra” (DINIZ, 2006, p.10). Os conhecedores de *wätunnä* dizem que o bem-estar de viver, *akuuwena* (água da vida), inteligência, inteligência dos pajés, *achudi* e *ädeemi* estão nos outros planetas. Para os Ye'kuana o mundo está organizado, esta interligado com outros céus que chamam de *Mukuududu* (Figura 2).

Figura 2: Mukududu (estrutura do mundo na concepção Ye'kuana)



Fonte: Castro Costa (2014)

Para os Ye'kuana o mundo está organizado e interligado com outros céus que chamamos de *Mukuududu*. Para Silva (2014), de

cima para baixo, no terceiro céu, surgiu a inteligência e as línguas; no quarto céu existe o lago de Akuuwena “lago mágico”; no sexto céu, o Seduume fez um homem chamado Cajuushawa para auxiliá-lo, mas esse homem queria ser mais inteligente e, por esse motivo, foi enviado para outro céu.

No planeta Terra que vivemos, segundo wätunnä e em relato do sábio Sr. João Alexandre, tem o “dono da terra chama-se Wandu; ele é dono de tudo que existe, como a floresta e a água; nosso planeta chama-se Maneuda Nonoichö. Enakuiyana que fez a terra ficar bem plana, ele estava em cima da Pedra de Kädaiyumeeni quando trabalhou e, assim, foi feito nosso planeta”.

Para os Ye'kuana, cada povo que existe tem seu lugar para viver, o lugar onde surgiram seus ancestrais, por que este povo acredita que cada um tem seu lugar de surgimento: os brancos têm o lugar onde seu ancestral surgiu, assim também para diversos povos indígenas na América, cada povo tem seu território para viver.

O criador do mundo fez para cada um o seu lugar. Os conhecimentos deste povo são diferentes dos ocidentais ou da ciência, quando afirmam que os seres humanos surgiram na África. Atualmente, os habitantes das Américas teriam atravessado o Estreito de Bering e, assim teriam chegado na aqui. Muitos conhecedores de wätunnä não acreditam nesta hipótese dada pelos cientistas.

Neste contexto, vamos abordar a concepção de território considerando o ponto de vista Ye'kuana. Conforme a wätunnä, o primeiro

Ye'kuana a chegar nesta terra foi na região da cabeceira do rio Kuntunama, e se chamava-se Yuduwaana, mais precisamente na Serra do Ye'kuana (SILVA, 2014, p.23). De acordo com Diniz (2006), o território tradicional dos Ye'kuana se situa na Camasoinha, que é o coração do território Ye'kuana, considerada como a primeira comunidade. Segundo a história oral desse povo, os Ye'kuana partiram da serra Ye'kuana e se expandiram, ocupando outros lugares.

Um dos heróis míticos Ye'kuana, o Kuyujani, demarcou uma área Ye'kuana, segundo o wätunnä. A partir disso, os Ye'kuana consideram o seu território tradicional, o espaço onde eles podem viver, habitar e implantar novas comunidades. Wanaadi deu a tarefa de demarcar o território Ye'kuana, então Kuyujani partiu de *Kamasonha*, local onde construiria a primeira *ättä*³ ao fim de seu percurso.

Kuyujani saiu de Ye'kuanajödö e seguiu pelo rio Metacuni para demarcar o território ye'kuana. Ele atravessou o Monte Wa'shadi [*wa'shadi* – anta; *wa'shadijödö* é a serra onde vive o *ädhajö* destes animais], nas cabeceiras do rio Ventuari, e percorreu um longo caminho até voltar a Ye'kuanajödö [monte Ye'kuana, local de origem dos Ye'kuana]. Kuyujani morava em Kamasonha, e lá havia inimigos Maiyetödö, então, ele resolveu partir. No rio Metacuni, em Metakuninha, Kuyujani trocou de nome, e passou a se chamar Takuiyena. Lá estavam os Maku, então, Kuyujani seguiu para Kiyakuniinhano, e passou a se chamar Wakaijiadi. Lá também haviam inimigos, Tawenkadimä, então, Kuyujani partiu para o

³ A *ättä*, construção circular cujo teto cônico reproduz os oito planos celestes, é formada por círculos concêntricos e cortada em seu centro por uma grade viga, réplica do eixo central da Terra. No centro da *ättä* está a *annaka*, onde são realizados as refeições comunais e os rituais, e ao seu redor estão diversos compartimentos onde vivem as famílias.

rio Merewari. Lá, passou a se chamar Kuduminaadi. Ele continuou a viagem e chegou a um lugar chamado Aködöjadanhä. Lá, o inimigo era Föwöna waiche. Ele partiu mais uma vez, para Fadawa nonodö iye'kai, e passou a se chamar Chuwaduni. Quando chegou a Kudutunha, os inimigos eram os Waiwai e os Wapishana. Ele foi embora para um lugar perto da fronteira com o Brasil, chamado Mikiadiinha, e passou a se chamar Mikidua. Lá, o inimigo era Kaiawade. Ele se mudou para Dedewata nonodö iye'kai e passou a se chamar Kukudawana. Lá os inimigos eram os Wadowado, então, ele foi para Entawade nonodö iye'kai, e passou a se chamar Adawachawana. Lá estavam os Iuana, então, ele se mudou para Shiwomonna. Lá, o inimigo era Kodowadima. Lá está a serra do caatitu, Fakiyajödö. Ele seguiu para Kiawajö Kanköi, na boca do rio. Passou a se chamar Kudakudawana. Lá estava Cajushäwä. Havia um lago, kuadekukejiu. Os inimigos lá eram Shajaatuni e Wadajichu. Ele partiu para Medadänha, onde hoje está a cidade La Esmeralda [Venezuela], e trocou o nome dele para Edawakuni, no campo Kadanawadö. Lá, os inimigos eram Maiyewakuni e Kudiyemä. Também estavam lá Maokajano, o chefe dos Sanumä, e Wadiwasaani. Havia tantos inimigos que Kuyujani decidiu seguir viagem por baixo da terra. Ao chegar a Kenewänna, ele saiu de dentro da terra, e passou a se chamar Ejasedöne. Lá, os inimigos eram os Mawiisha. Ele seguiu para Kudetänna pelo rio, onde passou a se chamar Kudewekuduana. O inimigo lá era Kudujashi, então, ele seguiu para o lago Kudujushi, onde o inimigo era Täjichu. Ele foi para Kawänna e mudou seu nome para Sumesudöana. Lá, o inimigo era Sajmakune. Ele partiu novamente. Depois de dar nome aos rios e igarapés e a todos os lugares, Kuyujani voltou para Kamasonha, onde se encontrou com suas três irmãs (ANDRADE, 2012 p. 192)

Atualmente, algumas comunidades estão localizadas fora do território Ye'kuana, isto é, o espaço demarcado pelo seu herói mítico Kuyujani. É o caso da comunidade de Waikas, que está localizada médio rio Uraricoera. Próxima à comunidade está uma serra chamada Wata'jödö, que foi construída pelo Yudeeke, outro ser mítico Ye'kuana, umas das místicas que construíram casa redonda "ättä". Para os sábios

em Waikas o espaço pode ser habitado pelos Ye'kuana em razão de serra de Watajödö, este povo pode morar em algumas áreas pontuais onde existiram ancestrais.

Território em linguagem Ye'kuana é "nonoodö". Assim, para os Ye'kuana nonoodö é tudo aquilo que seu ancestral Kuyujani teria indicado nos tempos que morou aqui na terra. Porém, as comunidades indígenas Ye'kuana são autônomas, não têm o poder de influenciar outras localidades. Então, a demarcação do mítico Kuyujani torna-se uma ambiguidade ao se definir exatamente o território Ye'kuana.

Abordaremos, agora, o uso do território pela comunidade indígena Ye'kuana. Os Ye'kuana referenciam as moradas do kuyujani em seu território tradicional; é uma extensão muito grande mas, no interior desse Ye'kuana nonodö, tem suas divisões classificadas pelos rios, pelas localizações das comunidades e pelas cachoeiras. No território ou Ye'kuana nonodö estão os lugares de antigos povoados, dos caminhos, das roças, lugares de seus ancestrais, algumas serras importantes para o povo, lugares dos seus mitos, lugares dos poços de água, das pedras e dos lagos.

Os cantos de achudi e ädeemi referenciam os lugares que vivem os donos de ädeeya (mandioca) e outros donos invisíveis, moradores de tal serra e de tal lago, então o sábio é conhecedor da geografia do seu território.

Os novos assentamentos dos povoados Ye'kuana sempre ocorrem com o aval do föwai (pajé) ou achudi eyaamo (sábios), para que estes possam consultar os donos não-humanos dos

lugares. Essa situação já foi explicitada por Silva Monterrey (2015), que chama de preparação espiritual; se o fõwai ou achudi eyaajä acharem o local apto para a morada Ye'kuana, começa a preparação física do local onde será a nova comunidade e os pais de famílias escolhem os locais das suas roças.

Neste sentido, para os Ye'kuana o território ou nonodõ não é um espaço vazio, mas existem vários espíritos bons ou ruins. Conforme Silva Monterrey (2015), para os Ye'kuana existem os seres invisíveis que vivem em qualquer parte do espaço: na água, na terra e nas serras. Os objetos da natureza, como as árvores, as frutas, os animais, as montanhas, as pedras, correntes de água tem seus donos, chamados de eyaajä.

Quando os Ye'kuana se afastam de seu território, mesmo estando dentro do território tradicional do seu ancestral Kuyujani, quando uma pessoa Ye'kuana vai para outra região, precisa tomar muito cuidado com sua alma (akaato), contra os donos invisíveis do território, utilizando principalmente as plantas como awaana, woi, etöödö toojo, para proteger os seus akaato, que podem roubar sua alma e causar doença ou até morte.

Enquanto percorre o caminho, o neófito deve adotar uma postura compenetrada, respeitosa. Não pode participar dos chistes e das pilhérias que fazem os demais, não pode brincar, deve evitar qualquer tipo de conversa. O território está repleto de lugares de poder, segundo a concepção dual ye'kuana em que forças invisíveis correspondem ao mundo sensível. As histórias *wätunnä* nos dão a conhecer a natureza desse poder: o poder de transformação. De acordo com esta concepção, todos os seres e objetos têm um correspondente invisível, cujas forças podem

se voltar contra determinados indivíduos, causando-lhes danos e até mesmo morte. É preciso aprender a manipular tais forças invisíveis, seja através do canto, do uso de plantas mágicas, da pintura corporal ou pela simples observância de algumas regras de etiqueta que marcam a realização de atividades da vida cotidiana. Essa natureza dual se reproduz em diversos aspectos da cultura ye'kuana, constituindo-se uma marca de sua própria epistemologia (ANDRADE, 2012 p. 191)

Essa autora tem razão. Ela participou de algumas viagens acompanhando a mudança da comunidade de Kudatanha. Ela presenciou como os Ye'kuana levam a sério o cuidar de seus *akaato* (alma) contra outros seres invisíveis que podem prejudicar sua vida. Para Viveiros de Castro (2002), o mundo é habitado por diferentes espécies de sujeitos ou pessoas, humanas e não-humanas. Num território Ye'kuana existem outros donos que denominamos como não humanos que habitam as serras (föo tawoonkomo), moradores de poços de água, os i'ja awoono (moradores poços de água), inha'tadö awonkomo (dos lugares proibidos) e além desses, há outros que vivem na floresta e chamam-se yoodadai e maawade, sendo que este não tem morada fixa e vivem passeando na floresta.

Para os moradores Ye'kuana de uma comunidade em um determinado território, as suas almas se familiarizam com os não humanos habitantes daquele território. Mas, as pessoas que vivem ali sempre respeitam os donos invisíveis do território. Caso contrário, a comunidade ou pessoa pode sofrer alguns ataques desses espíritos ruins se desrespeitarem esses sujeitos, situação que pode levar a morte.

Cuidados com seu Território

Um cuidado exercido pelo povo Ye'kuana é sempre manter sua tradição, quando fazem as cerimônias de construção de casa. Primeiro, fazem as plantas mágicas nos buracos cavados para proteger os futuros moradores; depois pintam cada madeira, também para se proteger de algum espírito do mal que pode atacar. Quando terminam a cobertura e as paredes, têm um cerimonial de mandar embora o *satanás* (*odo'shankomo enno'jadö*); esta cerimônia é para pedir a licença para morar aquele pedaço da terra, para que eles possam sair e não atacar os futuros moradores, principalmente as crianças; também para a pedir ao sol para olhar bem e cuidar dos moradores.

Os cantos, assim como as plantas *mada*, são vistos como armas infalíveis deixadas pelo demiurgo para proteger as pessoas das ameaças do gêmeo e de sua gente (os *odo'shankomo*), seres que passaram a dar o tom da vida na terra depois que o demiurgo voltou para a última plataforma celeste, onde continua morando. Os 'donos de canto' e os 'pajés' são considerados 'sábios' (*tawaanojo'nakomo*), pois aprenderam a manejar com engenho e a guardar dentro de si saberes e tecnologias primordiais que são imprescindíveis para assegurar formas humanas de existência. Não por acaso estes sábios possuem, assim como o demiurgo, duplos que os auxiliam em suas ações xamanísticas. A atuação dos xamãs ye'kwana é entendida como uma replicação da agência propriamente inteligente do demiurgo e das primeiras pessoas. Dizem os Ye'kwana que, no começo dos tempos, todos eram 'pajés' (GONGORA, 2017 p. 30).

Outro ponto importante a destacar aqui é quando os Ye'kuana fazem suas roças, com a preparação da limpeza, a derrubada e a queima. Quando chega a hora de plantar pela primeira vez, precisa-se pedir aos donos aquele pedaço da terra onde está a roça, para que aquele terreno não traga mal as plantas e aos humanos.

Os Ye'kuana também têm muito cuidado em relação ao território ou a terra, quando as crianças nascem, não podem tocar o chão e, por isso, é preciso colocar algum objeto, como folhas de inhame ou pano, porque a criança não pode tocar a terra. Para pisar no chão, a criança precisa ter um ritual com *achudi edhajä* (sábio), ritual que se chama *shichu'kwä ajiimadö*. A pessoa Ye'kuana precisa cuidar desde sua gestação até a fase adulta contra os espíritos maléficos enviados pelo *Kajuushawa*, opositor de *Wanaadi*.

Um determinado povoado ou comunidade indígena, em sua maioria, possui seu domínio territorial de acordo com sua população. O território de uma comunidade Ye'kuana pode ser definido por: a) lugar de caçadas coletivas longas; b) as localizações das roças; c) os rios. Estes são os elementos e atividades delimitadoras de um território das comunidades Ye'kuana.

O lugar de caçada de uma comunidade marca seu domínio de uso dos recursos naturais, isto é, onde retira a sua subsistência; neste espaço estão as trilhas, os acampamentos, lugar da alegria ou da tristeza; estes limites precisam ser respeitados pelas outras comunidades. Respeitando o limite da comunidade A e da comunidade B, ambas terão a auto sustentabilidade por mais tempo e, assim, evitam a falta de caça, da pesca e palhas para construir as casas.

Outro indicador dos limites do território são as roças. Estas são mais dominadas ou mais utilizadas pelos indígenas e, nesse caso, os moradores de uma comunidade não podem fazer roças em território de outra comunidade sem

autorização. Os rios também fazem os limites do território de uma comunidade Ye'kuana. Por exemplo, se a comunidade A está localizada no rio Auaris, quando os moradores quiserem caçar em outro lugar, precisam conversar com a comunidade B, que está localizada em outro rio, como no rio Yemeeekuni e estes devem autorizar a caçada.

Considerações Finais

O território para ciência é usado, habitado, limitado onde o Estado Nacional atua com seu poder. Mas, para os Ye'kuana, o território não é conquistado é sim dado pelo criador do mundo. Quando mencionamos a wätunnä, todos povos habitantes da terra tem seu território dado pelo criador do mundo, então este povo tem seu território para viver. A sociedade envolvente não pensa assim. Estes falam de conquista, de tomar o território do outro, enquanto que aquelas populações não se consideram donos da terra; a concepção de donos da terra só ocorre no momento da criação do Estado Nacional. Muitas vezes, hoje, assistimos no Brasil que os povos indígenas são entraves ao desenvolvimento econômico, principalmente quando discutem a criação das terras indígenas e quando, muitas vezes, os indígenas são considerados como invasores em determinados espaços.

O território para os Ye'kuana vai além de material ou objetos visíveis, como acabamos ver acima. Num território Ye'kuana existem outros elementos e o território não é vazio, uma vez que existem os donos invisíveis que habitam em

determinado território e os seres humanos precisam respeitar estes donos. Quando não são respeitados, podem surgir as doenças e, até levar a morte das pessoas.

Outro assunto importante de destaque refere-se aos avanços de comunidades Ye'kuana para além do território considerado tradicionalmente como Ye'kuana, ocupando-se de outros territórios, ou ocupando territórios que eram ocupados pelos Yanomami. As mudanças ou implantações de novas comunidades tem como explicação, em primeiro lugar, que as comunidades indígenas Ye'kuana na sua história, não passam de 500 pessoas e, quando isto ocorre, desmembram-se devido aos desentendimentos entre os membros da comunidade; a segunda hipótese refere-se à falta de recursos naturais num determinado território sendo necessário buscar outros lugares onde tenham mais facilidade de adquirir os recursos naturais para a sobrevivência de famílias indígenas.

Os Ye'kuana se preocupam muito com o bem-estar de suas almas (takaato), se cuidam bem contra os espíritos maléficos, seu inchonkomo (os sábios). Atualmente, os jovens estão utilizando as coisas de fora, como perfume da cidade, e isso está enfraquecendo as almas dos jovens. Para os sábios das comunidades indígenas Ye'kuana, as pessoas adoecem hoje, devido a não se cuidarem e não seguirem as regras do povo. O principal causador, segundo eles, é a mãe da água (wiyu). Esta rouba as almas das pessoas e mata aos poucos. Hoje em dia nas comunidades indígenas Ye'kuana não há pajé. O pajé tinha um papel muito importante para a sociedade Ye'kuana. Ele

trazia a alma roubada por wiyu e, assim, a pessoa doente se recuperava.

O território não está vazio para os Ye'kuana, por isso precisam ser respeitados os lugares como as serras, a água, os animais, as pedras e florestas. Para eles existem os donos invisíveis e que podem prejudicar sua saúde e levar à morte. Estas relações entre os seres que ocupam o território, nos leva a refletir sobre as demais possibilidades de se considerar um território, que ultrapassa os limites estabelecidos pelo Estado brasileiro, ao demarcar uma terra indígena, e definir esse espaço através de limites rígidos.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, K. V. Construindo lugares, transformando pessoas. A dialética do espaço entre os Ye'kuana. In: WILSON, T. F, et. al. **Lugares, Pessoas e grupos**: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional. 2. Ed. Brasília: ABA publicações, 2012.
- ARVELLO-JIMÉNES, N. **Relaciones políticas en una sociedad tribal**: estudio de los Ye'kuana, indígenas del Amazonas Venezolano. Mexico: Instituto Indigenista Interamericano, 1974.
- BENEDETTI, A. Territorio, concepto clave de la geografía contemporánea. In: **Revista 12 (ntes) Digital para el día a día**. Buenos Aires, n. 4, ano 1.2009. Disponível em: <https://www.academia.edu/840615/Benedetti_A_Lejandro_2009_TERRITORIO_concepto_clave_de_la_geograf%C3%ADa_contempor%C3%A1nea_Revista_12_ntes_DIGITAL_para_el_d%C3%ADa_a_d%C3%ADa_ISSN_1852-6497_pp._5-8>. Acesso em: 19 mai. 2017.
- COSTA, I. C. **O número em Ye'kuana**: uma perspectiva tipológica. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Linguística, 2013. 126 p.
- DILLON, B. S. **Territorios empetroados**. Las geografías del suroeste de La Pampa em la ribera del Rio Colorado. Santa Rosa: Universidad Nacional de La Pampa. Facultad de Ciencias Humanas, 2013. 299 p.
- DINIZ, R.O. **Mitologia Ye'kuana**: a imaginação gemelar. 2006. 162p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Universidade Federal de Rio de Janeiro, PPGAS-Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2006.
- GONGORA, M. F. **Ääma ashichaato**: replicações, transformações, pessoas e cantos entre os Ye'kwana do rio Auarís. Tese (Doutorado em antropologia social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- HAESBAERT, R. Concepção de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, M. et. al. **Território, territórios**: ensaio sobre o ordenamento territorial. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.p. 44 -71.
- HAESBAERT, R. **Regional-global**: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- HAESBAERT, R.; LIMONAD, E. O território em tempos de globalização. In: Etc, espaço, tempo e crítica. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas e outras coisas**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 39-52, agosto. 2007.
- KOCH-GRÜNBERG, T. **Del Roraima al Orinoco**. Vol. III. Caracas: Ediciones del Banco Central de Venezuela, 1979.
- LADEIRA, M. I. **Espaço geográfico Guarani-Mbya**: significado, constituição e uso. Maringá: Eduem; São Paulo: Edusp, 2008.
- MONTERREY, N. R. S. **Poder, parentesco y sociedad los Ye'kwana del Caura Venezuela**. Editora ABYA YALA. Quito, Equador. 2015.
- MORAES, A. C. R. (org.). **Ratzel**: Geografia.

São Paulo: Ed. Ática, 1990.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. Traduzido por Maria Cecília França. São Paulo: Ed. Ática, 1993.

RAMOS, A. R. **Hierarquia e simbiose: Relações Intertribais no Brasil**. São Paulo: Hucitec. 1980.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SILVA, C. C. **Auarís e a história da ocupação: população, recursos naturais e território**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2014.

SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

VIEIRA, M. **Yanomami e Ye'kwana avançam em estratégias sobre uso do dinheiro e proteção territorial**. Disponível em: <<https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/yanomami-e-yekwana-avancam-em-estrategias-sobre-uso-do-dinheiro-e-protecao-territorial>>. Acesso em: 31 out. 2016.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio**. In: A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac&Naify. 2002.